NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIII NÚMERO 124 ABRIL DE 1955

O RETRATO DE JESUS CRISTO NAS PAGINAS DOS PROFETAS — Dr. Azevedo Pires 109

PROBLEMAS CINEMATOGRÁFICOS NA PERSPECTIVA CATÓLICA — José V. Marques 117

TROCA DE IMPRESSÕES (Salões Paroquiais) V. M. 124

A TELEVISÃO E A FAMÍLIA — Fernando Micael 127

PELA IMPRENSA ESTRANGEIRA 132

LIVROS NOVOS — A. Tavares 137

CRÓNICA — Alberto Neto 138

OBRAS
DE GRANDE UTILIDADE

Os dons de Deus
cédula de vida religiosa

Saíu nova edição desta magnífica cédula, com 11 gravuras em fotolitografia a cores.

1$50

O Santo Baptismo

Utilíssimo folheto sobre as cerimónias do Santo Baptismo, para que os fiéis as sigam com inteira compreensão

Edição grande . . . . 2$50
Edição pequena . . . . 1$00

A Confirmação

Folheto com a explicação do Sacramento e o Ritual. Óptimo para as cerimónias da administração do Crisma.

2$50

A Missa - Memorial do Senhor

O primeiro Missal concebido, na nossa língua, para iniciação progressiva das crianças nos textos da SANTA MISSA.

De 12$50 a 62$50

Só o Ordinário da MISSA 2$50

EDIÇÕES DA **SET**

SET - Sociedade Editorial «O TRABALHADOR»

Rua António Maria Cardoso, 68 — LISBOA — Telef. 35356

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ABÍLIO TAVARES CARDOSO
Redactores — SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO
— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANGO
Administrador — ANTÓNIO AUGUSTO SOBRAL

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

FUNDADA
EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

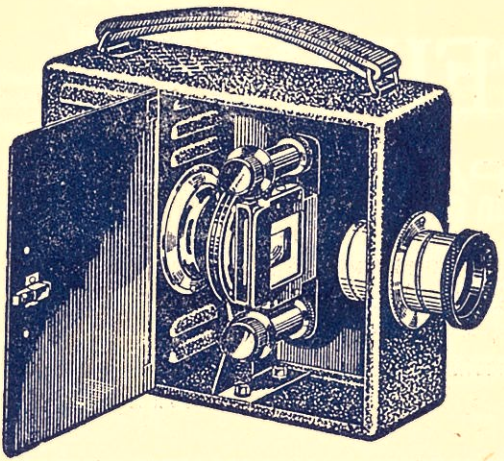
PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

EX.MOS PÁROCOS, CATEQUISTAS, EDUCADORES:



Para o ensino adoptai o

CAMERAFIX

o projector que se impôs pela sua

luminosidade

simplicidade

economia

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS

Santa Maria Goretti
As obras de misericórdia
Os 3 videntes de Fátima
Santo António de Lisboa
São João de Deus
O filho pródigo (parábola)
O bom Samaritano (parábola)
Os Sacramentos (colorido)

RECREATIVOS

O trinco da porta
Pedrinho, cabeça no ar
A história da Carochinha
O lobo e a cabaça
Cavalo fidalgo e burro invejoso
João pastor e o cão leal
A cigarra e a formiga
A garça e a raposa
O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76 - 2.º **LISBOA**

O RETRATO DE JESUS CRISTO NAS PÁGINAS DOS PROFETAS

O Salvador do mundo foi anunciado a séculos de distância e por diversas maneiras.

Ao longo da história do povo eleito, surgem numerosas personagens que são figuras do grande Prometido e Desejado. Entre elas, distingamos: Abraão, o pai dos crentes; Isaac, a transportar a madeira do seu próprio sacrifício; José, vendido pelos irmãos, que dele recebem, depois, a salvação; Moisés, o libertador, o chefe e o legislador do povo israelista; Job, que nos dá exemplo de Cristo humilhado e sofredor; David, a anunciar o Messias, pelas provações que sofreu, pela realeza que teve e pelos salmos em que vasou as efusões da sua alma; Jeremias, com os sofrimentos que passou e com o amor grande ao seu povo; Jonas, a deixar-nos clara figuração dos ensinamentos e da sepultura do Salvador; Melquisedeque, elevado exemplo de sacerdote.

Se das personagens bíblicas que, figurativamente, anunciaram Cristo, passamos aos quadros proféticos em que aparecem, cheias de imprevisto e de colorido, as pinceladas que nos retratam o Messias Salvador nos Seus aspectos históricos e na Sua fisionomia moral, a mais forte surpresa nos aguarda.

Anunciam-se, a séculos de distância, acontecimentos tão numerosos, tão certos e tão extraordinários, que não há clarividência humana capaz de, antecipadamente, os divisar.

E os traços da figura inconfundível de Cristo aparecem com tamanha nitidez e precisão, que maravilhosamente se casam com aquela divina Personalidade que enche as páginas do Evangelho e da História.

Contemplemos, pois, o retrato profético de Jesus Cristo, a longa distância composto, e vejamos se não coincide com aquele Jesus histórico, em Belém nascido e no Calvário sacrificado para resgate do género humano.

Fixemos o nosso olhar nos seguintes expressivos traços :

Um astro sairá de Jacob, um ceptro elevar-se-á de Israel. (1)

Nascerá em Belém o Dominador... (2)

Da família de Judá e de David. (3)

Todos os reis da terra se hão-de prostrar diante dele,
e todas as nações o servirão. (4)

O Senhor há-de julgar as extremidades da terra; dará poder ao rei e mostrará quanto pode o seu Cristo (o seu Ungido). (5)

Ensinará o caminho perfeito (6), pois é dele que se lê:

Eis que o meu servo prosperará,
há-de ser elevado, exaltado e atingirá as maiores alturas (7)

O Enviado de Deus terá por missão ajudar os que são fracos e humildes, porquanto

libertará o pobre (do esmagamento) do poderoso,
aquele pobre que não tem quem o ajude, (8)

e a todos oferecerá a grande luz salvadora:

Naqueles dias, os surdos hão-de ouvir
e os cegos hão-de ver no meio das trevas. (9)

---

(1) *Números*, XXIV, 17
(2) *Miqueias*, V, 11
(3) *Génesis*, XLIX, 10
(4) *Salmo LXXI*, 11
(5) *I Livro dos Reis*, II, 10
(6) *Isaías*, LV, 4
(7) *Isaías*, LII, 13
(8) *Salmo LXXI*, 11-2
(9) *Isaías*, XXXV, 5

O profeta Isaías continua deste modo o retrato do servo de Iavé:

Diz o Senhor:
Eis o meu servo a quem amparo;
é o meu eleito em quem ponho as minhas complacências;
inundei-o com o meu Espírito,
ele espalhará a justiça no meio dos povos.

Não clamará, nem há-de falar com arrogância;
a sua voz não se fará ouvir nas praças.
Não partirá de todo a cana já meio quebrada,
nem apagará a chama que ainda fumega.

Anunciará a justiça na verdade.
... ...
Eu, o Senhor, te chamei para a salvação,
e tomei a tua mão
e te guardei; fiz de ti a aliança do povo,
a luz das nações,

para abrires os olhos dos cegos,
e libertares quem está na prisão
e os que jazem nas trevas da morte. (1)

Não tenhas medo, Israel, pois eu te resgatei.
... ...
Sou o Senhor teu Deus;
o Santo de Israel é o teu Salvador. (2)

O Profeta insiste nos traços d'Aquele que todos esperam:

Um ramo sairá do tronco de Jessé
e das suas raízes brotará um rebento.

---

(1) *Isaías*, XLII, 1-2
(2) *Isaías*, XLIII, 1-3

Repoisará sobre ele o espírito do Senhor:
espírito de sabedoria e de inteligência,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de ciência e de piedade,
e ficará cheio do espírito do temor de Deus. (1)

Os anúncios proféticos apontam já a salvação muito próxima. Escutemos o clamor de Isaías :

...eis o vosso Deus
... ...
Ele próprio virá para vos salvar. (2)

Escuta, meu povo, (diz o Altíssimo):
... ...
Está próximo o justo... e o salvador. (3)

Para anunciar mais de perto,

Eis que envio o meu mensageiro, a preparar o caminho antes da minha passagem, (4)

e vem João Baptista, o Precursor.

Novo e impressionante pregão ecoa no meio do povo eleito:

Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho,
e lhe porá o nome de *Emmanuel* (quer dizer: Deus connosco). (5)

O escritor divinamente inspirado exclama cheio de júbilo:

Um menino vem ao mundo para nós
e um filho nos é dado;

---

(1) *Isaías*, XI, 1-3
(2) *Isaías*, XXXV, 4
(3) *Isaías*, LI, 4-5
(4) *Malaquias*, III, 1
(5) *Isaías*, VII, 14

o poder repousa sobre ele;
e chamar-se-á
o Conselheiro admirável, o Deus forte,
o Pai do século futuro, o Príncipe da paz. (1)

As origens eternas da Sabedoria manifestada aos homens na Pessoa deste Menino são assim descritas:

O Senhor deu-me o ser desde o início dos seus caminhos,
antes de fazer fosse o que fosse desde sempre.
A minha origem vem de toda a eternidade... (2)

O Senhor me disse: Tu és o meu Filho;
Eu hoje te gerei.
Pede-me, e dar-te-ei as nações como herança,
e como domínio as extremidades da terra. (3)

O Profeta Malaquias fala de como, após o nascimento, virá ao seu Templo o Dominador esperado, para tomar posse do que lhe pertence. (4)

A total consagração à causa do eterno Pai é assim posta em David em página célebre, e em palavras atribuídas ao Salvador:

Tu não quiseste (ó Deus) sacrifício nem oblação;
... ...
Não pediste holocausto nem vítima expiatória;
Disse eu então:
Eis que venho — conforme está descrito no livro a meu respeito
para fazer a tua vontade.
Meus Deus, assim o quero,
e a tua lei está gravada no meu coração. (5)

---

(1) *Isaías*, IX, 6
(2) *Provérbios*, VIII, 22-3
(3) *Salmo II*, 6-8
(4) *Malaquias*, III, 1
(5) *Salmo XXXIX*, 7-9

Porque é plenamente sacerdote, o Salvador ouve que lhe é dito:

> Tu és sacerdote eternamente... (1)

E para que nada falte ao sacerdócio do Messias Redentor, ergue-se o altar do Sacrifício em que o Ungido do Altíssimo é o Oferente e a Vítima. E todos os homens são convidados a participar nesse Sacrifício e nas opulências divinas do sagrado banquete.

O Profeta Malaquias vê, a séculos de distância, a Oblação puríssima feita por Cristo no alto do Calvário e renovada em cada dia no Sacrifício do altar.

Do nascente ao poente, diz o Senhor, o meu nome é grande entre as nações; e em toda a parte se oferece ao meu nome um sacrifício e oblação pura... (2)

Da mesa que Deus põe e para a qual todos somos convidados, assim fala Salomão:

> A Sabedoria edificou uma casa... Imolou as suas vítimas
> preparou o vinho e pôs a mesa...
> E eis que diz (...)
> vinde e comei do meu pão,
> vinde e bebei do vinho que vos tenho preparado. (3)

Em impressionante visão profética, descreve-nos Isaías os sofrimentos do Redentor. E de tal maneira o faz, com tamanho rigor e abundância de pormenores, que até parece estarmos a assistir ao drama do Calvário. Por isso já se designaram estas páginas do Profeta *a Paixão de Cristo segundo Isaías.*

---

(1) *Salmo, CIX,* 4
(2) *Malaquias,* I, 10-4
(3) *Provérbios,* IX, 1-6

Oiçamo-las na sua eloquência magnífica:

Muitos ficarão estupefactos ao vê-lo,
tão desfigurado aparecerá;
o seu aspecto não é o de um homem,
nem o seu rosto como o dos filhos dos homens. (1)

Não tem aparência nem beleza...
... ...
é desprezado e o último de todos,
o homem das dores, saturado de sofrimento.
... ...
Verdadeiramente tomou à sua conta os nossos males
e carregou com as nossas dores
julgámo-lo como um castigado
ferido por Deus, e humilhado.

Foi ferido por causa das nossas culpas,
e esmagado pelos nossos crimes;
o castigo, donde nos veio a salvação, caiu sobre ele,
e das suas chagas veio a nossa cura.

Éramos todos como ovelhas errantes,
cada um lá ia por seu desviado caminho;
e o Senhor fez cair sobre ele
a iniquidade de todos nós.

Maltratado, deixava-se humilhar,
nem sequer abriu a boca (para se queixar),
tal o cordeiro ao ser levado para o matadoiro;
e à semelhança da ovelha que se cala diante de quem a tosquia,
assim ele fica silencioso. (2)

---

(1) *Isaías*, LII, 14
(2) *Isaías*, LIII, 2-7

Isaías põe na boca do Messias sofredor estas palavras:

> Entreguei o meu corpo aos que me batiam
> e as minhas faces aos que me arrancavam a barba,
> não desviei o rosto dos que me lançavam insultos
> e cuspiam sobre mim. (1)

As páginas dos Profetas mostram-nos o Salvador humilhado da pior maneira (2) e vendido por trinta dinheiros. (3) Dar-lhe-ão fel, e para matar a sede oferecer-lhe-ão vinagre. (4) Com as mãos e os pé trespassados, (5) sofrerá dolorosa crucifixão (6) e será morto. (7)

E, como fruto do Sacrifício do Calvário,

> Ele, o Justo, justificará muitos,
> tomando sobre si as culpas deles.
> ... ...
> ...entregou-se à morte
> e foi posto no números dos criminosos,
> suportou os pecados de muitos
> e intercedeu pelos pecadores. (8)

Ainda na visão profética, o Salvador há-de ressuscitar (9) e levantar-se-á glorioso para sempre. A sua glória cobrirá a terra, dominará todos os seus inimigos (10) e receberá a homenagem de adoração do mundo inteiro. (11)

Até aqui os vaticínios a respeito de Cristo antes da sua vinda.

Consideremos atentamente que o Senhor já veio. E veio para nos salvar a todos, enchendo-nos de sentido a vida e o coração de amor.

DR. AZEVEDO PIRES

---

(1) *Isaías*, L, 6
(2) *Isaías*, LIII
(3) *Zacarias*, XI, 12
(4) *Salmo LXVIII*, 22
(5) *Salmo XXI*, 17
(6) *Zacarias*, XII, 10
(7) *Daniel*, IX, 26
(8) *Isaías*, LIII, 11-2
(9) *Salmo* XV, 10
(10) *Salmo, II*, 2
(11) *Isaías*, LX, 14

PROBLEMAS CINEMATOGRÁFICOS NA PERSPECTIVA CATÓLICA

«Não existe hoje mais poderoso meio que o cinema para exercer influência nas multidões, quer pela própria natureza das imagens projectadas na tela, quer pelo carácter popular do espectáculo, quer pelas circunstâncias de vária ordem que o acompanham». (1) Esta visão sintética mas perfeita, de Pio XI tomou desde 1936 uma actualidade cada vez maior. Alguns números permitir-nos-ão formar uma ideia objectiva da expansão cinematográfica: existem em todo o mundo 92.300 salas com capacidade para 45.000.000 de espectadores. A assistência semanal cifra-se em 215 milhões. Num ano frequentam o cinema 12.220.000.000 de espectadores.

Bastantes problemas se levantam no nosso espírito perante tal extensão, a qual torna o cinematógrafo dependente do gosto dum público sem grande formação, a quem o produtor irá lisongear todos os sentimentos mais comercializáveis; e sobretudo, perante a profunda influência que o cinema exerce no homem. Como salvaguardarão, pois, os produtores em tais condições os valores artísticos do próprio cinema e os valores morais?

Na contingência das circunstâncias actuais, diversos factores condicionam a preservação desses valores. Senão vejamos: na evolução cinematográfica de uma sociedade podemos distinguir três fases. Na primeira o cinema apresenta-se como uma diversão nova de características inéditas. O espectador seduzido pelo brilho de uma novidade maravilhosa tudo vê, a tudo assiste sem juízo algum de valor. Na segunda fase acentua-se o carácter de divertimento e o cinema passa a mero espectáculo que entre todos os demais assume a primazia.

Tanto numa como noutra destas fases dá-se uma comercialização integral do cinematógrafo. Tal primado do interesse comercial afasta qualquer preocupação dos valores artísticos e morais. As consequências são, pois, inevitáveis: no campo cinematográfico pròpriamente dito cria-se no espectador uma deformação de gosto que só um intenso trabalho ulte-

---

(1) Encícl. «*Vigilanti Cura*» trad. e edic. da A. C. P. pg. 8.

terior poderá corrigir; é sobretudo, porém, o campo moral o atingido, por vezes, duramente. Note-se ainda, que na segunda fase, talvez inconscientemente para ele, o espectador procura no cinema não já só um meio de divertimento mas torna-o em verdadeiro fim — impregnar-se de uma atmosfera de ilusão, de excitação, um estupefaciente barato.

Não esqueçamos porém, que este primado comercial é uma questão de facto e não de direito. Como tal tem uma origem extrínseca ao próprio cinema. Qual será? Sem dúvida, a falta de formação do público. Apenas essa formação, dando ao espectador uma preparação artístico-moral, o levará a proscrever toda a fantasia que pretende apresentar-se como oiro puro. Esta acção negativa do público acabará por fazer nivelar a produção por cima, isto é, por aquelas obras-primas que, ao lado de artífices incompetentes, verdadeiros artistas nos têm dado. Com este clima da parte da produção e do espectador chegaremos à terceira das três fases de que acima falámos. Será então a derrocada de toda a organização mercantil, onde no plano especìficamente humano apenas imperava o vácuo. (1)

Nesta fase o cinema será verdadeira arte. Não uma arte como as outras que do seu objecto nos dão apenas uma faceta. Esta é destinada a colher da realidade terrestre humana uma visão integral. Através das imagens móveis tranfigura-se diante de nós, no bom filme, algum problema humano em toda a sua amplitude, em todo o seu valor. Por isso é uma arte com capacidade de humanizar-nos cada vez mais. Dentro desta perspectiva o cinema tornar-se-á pois um verdadeiro valor de cultura humanística. (2)

Pelas diversas atitudes da produção e do espectador respondemos sucintamente à pergunta que inicialmente formulámos.

De todos os prismas através dos quais podem ser encarados todos os problemas suscitados ao longo das três fases e nomeadamente de como é que a realização integral do cinema (terceira fase) pode ser atingida, interessa-nos agora o católico.

---

(1) É exemplo típico deste facto a queda vertical de Hollywood. Evidentemente que não estamos na terceira fase da evolução, mas uma maior ânsia de verdade no cinema europeu, especialmente italiano e francês, destronou os vazios «*happy ends made in U. S. A.*». Não é pois a Televisão a única culpada da derrocada da Meca do cinema; o vírus mortífero desenvolveu-se dentro dela mesma.

(2) *cf.* «*Poderá o cinema traduzir realidades espirituais*» *Nov. Oliv.* Março-Abril. 1954.

*

* *

A perspectiva católica neste assunto, como aliás em todos os demais, dar-nos-á uma visão de integralidade que procuraremos não esquecer no desenvolvimento do trabalho.

Desde que na primeira e segunda fases a preocupação artística está apartada da realização, o cinema, divertimento comercializado põe à Igreja um problema moral cuja solução passamos a estudar. (1)

Em terras onde ainda não exista cinema e onde este poderá aparecer como novidade é evidente que toda a questão moral na exibição estará resolvida desde que os católicos tomem a dianteira na abertura de salas. O caso já bastante frequente de terras, onde o salão paroquial, inteligentemente lançado absorve toda a exibição abona o que afirmamos. E o problema do fornecimento de bons filmes que alimentem programas sãos, como resolvê-lo ? Adiante o veremos.

É evidente, porém, que o panorama cinematográfico actual se desenrola nìtidamente dentro da segunda fase — cinema, espectáculo integralmente comercializado, onde, apenas de vez em quando, aparecem verdadeiras obras de arte. (2) A solução dos vários problemas desta segunda fase exige dos católicos uma posição muito activa e atenta.

Uma vez abertas casas de espectáculos nem sempre é fácil contrapor-lhes acção directa com outras casas. Sobretudo em terras pequenas que não sustentem mais que uma sala e afastada a hipótese de compra, toda a acção directa está coarctada pois a lei protege quem tomou a dianteira. Resta a acção indirecta, isto é, a acção junto do público.

Condição primária dessa acção é a Censura Católica. A cota moral artística facilitará ao espectador a escolha de bons programas. (3) Não basta, porém, fornecer esta cota moral. É necessário ainda um esclarecimento sobre o valor e o carácter de obrigatoriedade dessa classificação.

---

(1) Ainda recentemente a Comissão Episcopal de Informação em França, chamava a atenção dos Católicos para esse problema, pela pena do seu Secretário. cf. «*Novidades*» 12-III-1955.

(2) Entre nós, várias causas, entre as quais avulta o atraso na electrificação do país, ainda nos não definiram completamente entre as duas fases.

(3) O ideal seria, evidentemente, a orgânica da *Legião da Decência* em que, por juramento, o membro se compromete a não frequentar os espectáculos condenados.

De inúmeras respostas semelhantes colhidas em inquérito recente respigamos estas, dadas por filiados da Acção Católica à pergunta: A censura católica tem tido influência na escolha dos filmes a que tem assistido?

«Não desconheço a censura católica mas também não me sirvo dela para escolher os filmes que vou ver porque em geral não me podem prejudicar».

«A censura católica não tem influência em nada porque apesar de eu ser católica não me importo em nada com a classificação de filmes».

Explicam estas afirmações o meio descristianizado, a existência de uma censura oficial, muito útil aliás, mas sobretudo o desconhecimento de que, uma vez que «os organismos nacionais (de censura) tenham recebido um explícito mandamento da Hierarquia, não se deve duvidar do carácter normativo dos juizos morais que permitem sobre os filmes. Os fiéis têm por isso o dever de se informarem de tais juizos e de conformar com eles a sua conduta.» (1)

Mas a solução do problema moral não basta nem pode tão pouco ser feita isoladamente do elemento artístico. Resta-nos pois modificar também aquela atitude de passividade absoluta pela qual o espectador se abandona à atmosfera de ilusão, à excitação do mau cinema e, por outro lado, promover dentro do pensamento católico a realização artística do cinema.

Como dissemos atrás, a produção oferece-nos por vezes, no meio da produção comercial, verdadeiras obras de cinema-arte.

Nesta perspectiva artística o próprio problema moral assume novas características. Há efectivamente um curioso fenómeno de circularidade entre a moral e a arte que não permite a consideração do aspecto moral com absoluta exclusão do artístico. Esta circularidade é tanto mais importante na arte cinematográfica, quanto nesta, os valores morais ou imorais são incarnados pela própria essência artística do filme. (2)

Dentro desta ordem de ideias um problema se levanta imediatamente: dadas as suas condições eminentemente colectivas, sociais, gozará o cine-

---

(1) Carta de Mons. Montini, Pró-Secretário de Estado ao P. Jean Bernard, director do O. C. I. C. por ocasião do congresso deste organismo em Colónia, em Junho de 1954.

(2) Sirva-nos de exemplo o filme de A. Genina «*O Céu sobre o pântano*». A santidade de Santa Maria Goretti não está expressa neste ou naquele ponto, mas é um «clima» que promana do conjunto do filme.

ma da mesma liberdade comum a todas as outras artes? Sim. No plano meramente artístico o realizador cinematográfico goza da liberdade específica a toda a arte. Não significa porém esta liberdade, licenciosidade. Isto é, o artista antes de ser artista e acima dessa qualidade eminente é homem. Como tal deve respeitar certos valores entre os quais está uma norma de moralidade natural. (1) Precisamente esta norma de moralidade obriga a uma ordenação, ou melhor, a uma conformidade de todo o nosso agir com o bem superior. Consequentemente a arte pela arte será um absurdo e por isso mesmo o pecado não mais será tratado como um valor objectivo mas ùnicamente como um acidente na nossa natureza decaída, isto é, um facto anormal. (2)

Isto que a sã filosofia deduz é, na prática, de difícil realização. A falta de uma formação integral por parte dos realizadores cinematográficos leva-os a colocar a norma de moralidade num nível inferior ao que lhe é devido. Aqui reside a génese de todo o problema moral na arte cinematográfica. Aqui também, é exigida uma especialíssima acção da Igreja. Não quer isto dizer que o cristianismo venha dar normas práticas para a realização de filmes — nunca artista algum poderá tomar de um documento do Magistério cânones para o desenvolvimento do seu tema pois o cristianismo não serve de «receita» artística. Deve-se antes contar apenas com o valor do génio, o esforço pessoal sobre o qual a Igreja apenas posteriormente lança o seu juizo. (3) Deste juizo posterior falamos agora. Importa ele uma acção a um tempo repressiva e cultural.

A cotação moral cuja necessidade já assinalámos atrás tem na acção repressiva particular importância. Uma vez que a poderosa organização comercial não facilita geralmente ao realizador a possibilidade de nivelar directamente a sua norma de moralidade, a redução da assistência aos fil-

---

(1) cf. Art. *et Scolastique*. Nota 163

(2) Perguntar-se-á: mas porquê o pecado no cinema? Acaso não deverá ser ele totalmente banido? Não. Como já assinalámos, o cinema está destinado a tomar e exprimir a condição humana totalmente. Mas a expressão dessa condição para ser integral tem quase sempre de exprimir a condição «contraditória» do homem decaído. Deve-o fazer sempre, porém, dentro desse mesmo carácter de anormalidade que o pecado possui.

(3) Na questão de facto esta afirmação está certa. Na questão de direito ela é incompleta. Mais que um juizo posterior a Igreja deve procurar dar ao artista uma formação moral anterior que lhe permita nivelar perfeitamente a sua norma de moralidade.

mes através da condenação moral facilitará o que a princípio pareceria quase impossivel. O pensamento católico é bem claro neste capítulo: «é necessário libertar-se (o organismo de classificação) de toda a brandura em relação às películas recomendáveis pelo seu valor artístico ou pelo interesse do problema exposto, mas que estejam sujeitas a graves reservas no ponto de vista moral». (1)

Na mesma acção repressiva há um outro aspecto importante, ainda dentro da alçada da Igreja. Dentro do público a norma de moralidade não pode ser igual para todos. Adolescentes e adultos regem-se por cânones diferentes — os autênticos para os últimos, outros necessàriamente mais severos para os primeiros. Poderá pois haver filmes que, aconselháveis até para adultos, não devam ser vistos por adolescentes. (2)

Ao leitor desprevenido parecerá que caímos em contradição: não bastará apenas a acção da censura que procure eliminar o mal completamente, do cinema ? Tendo em atenção o que atrás dissemos do pecado na arte e especìficamente no cinema, fàcilmente se solucionará esta aparente contradição. O problema do fornecimento de bons filmes está pois resolvido.

Não bastam porém estas medidas proibitivas. «Por mais necessárias que sejam permanecem por natureza menos eficazes e menos importantes que uma forte preparação intelectual e religiosa que ponha os espíritos e os corações em estado de resistir vitalmente a todo o princípio mórbido» (3) Como poderá ser feita esta preparação?

Ao falarmos da cota da censura dissemos que deveria ser moral — artística. Evidentemente que a iniciação do cinema em geral, no tema de cada filme em particular, enfim a formação da atitude artística poderá realizar-se através daquela cota ou da imprensa. Tudo porém o que seja acção externa permanecerá sempre extrínseca ao indivíduo e será incompleta. É necessária aquela «preparação intelectual e religiosa que faça radicar na própria consciência a exigência de um cinema superior, moral e artìsticamente. Por outras palavras, é necessária uma verdadeira cultura cinematográfica.

---

(1) Mons. Montini, carta cit.

(2) Recentemente, falando no *Clube Richelieu de Montreal,* o Cardeal Léger anunciou a próxima promulgação de uma legislação diocesana sobre o cinema para crianças. Entre nós está este assunto superiormente decretado. Cedo caducará, no entanto, a lei se não se criar uma mentalidade que a justifique.

(3) Maritain. loc. cit.

Feita por espíritos neutros, como aliás já se iniciou (1) ela é susceptível de atingir alto nível artístico. Mas o aspecto moral ?... No próprio bem dos católicos há uma necessidade imperiosa de que eles tomem a iniciativa nesta cultura.

A circularidade entre a moral e a arte de que atrás falávamos e a solução do problema do pecado no cinema exige uma «preparação intelectual e religiosa» a qual facilite não nos determos em pormenores insignificantes, valores acessórios que o realizador não propõe como fins mas ordena a um objectivo superior. (2) De outro modo a censura deverá continuar a condenar obras de arte autêntica que um público não advertido não pode ver sem prejuízo.

Tomada no aspecto artístico estricto essa «preparação», purificando o gosto do público necessitará por um efeito inevitável a elevação do nível artístico da produção. Não é um mero diletantismo que faz desejar esssa elevação. O próprio valor do Humanismo cristão o exige. Sendo um humanismo integral ele deve desejar «no domínio do cinema artistas comparáveis a um Dante, a um Pascal, a um Miguel Angelo, a um Rafael, a um João Sebastião Bach ou aos construtores anónimos das Catedrais». (3) que em outras artes gerou para a Humanidade.

Será assim por uma acção simultâneamente negativa e positiva que eliminando a atitude passiva do espectador se poderá atingir a fase de realização integral do cinema dentro do espírito católico.

José Vieira Marques

---

(1) Através do progressivo movimento dos cine-clubes.

(2) Não negamos evidentemente que «no plano da moral o filme deve ser julgado em ir mesmo (não nas intenções dos seus criadores) pelas sugestões, sentimentos expressos, conclusão que dele emana ou pelos conselhos que pode dar». Mas não se assinala por vezes o facto do filme de alto valor moral serem incompreendidos quando não classificados de perigosos?...

(3) A Ruszkowsk — *Semana dos Intelectuais Católicos Franceses — 1943.*



SALÕES PAROQUIAIS

Para escrever sobre salões paroquiais poderíamos optar por uma de duas alternativas: expor conceitos de ordem teórica sobre a sua necessidade, dificuldades, etc. ou procurar junto de algum pároco que tivessse já em actividade esta magnífica experiência, um depoimento que nos desse aqueles conceitos acompanhados de uma vantagem: a sua realização. Escolhemos a última possibilidade.

Nesse sentido dirigimo-nos a um dos párocos do norte do Patriarcado em cuja freguesia é já uma realidade consoladora um bom salão paroquial.

Existia antes do salão paroquial alguma casa similar na freguesia de V. R.ª?

— «Não existia. Apenas de vez em quando promovia a realização de uma ou outra récita numa casa bastante ampla que servia para os ensaios da Filarmónica local.»

Que espécie de espectáculos costuma V. R.ª oferecer?

— «Além de récitas, sessões de cinema, frequentemente promovemos festas culturais, sessões solenes, festas de catequese, tardes recreativas com recitativos, etc., etc..»

Não há muito tempo escrevia o P. Warlomont, que, ao lançar um salão se deve ter em conta as inclinações dos paroquianos, não suceda que um povo cujas preferências vão para as tardes ao ar livre se veja contrangido às sessões de salão. Tratando-se, por demais, no caso presente, de um meio rural, perguntámos: *receberam os paroquianos com interesse a ideia do salão?*

— «A maior parte, sim. Há sempre os que põem dificuldades em tudo e outros que tudo combatem mas a maior corrente era favorável. O

interesse foi crescendo e pode dizer-se que só foi completamente compreendido quando começou a realizar a sua missão.»

Considera, então, V. R.ª que o salão paroquial tem uma função específica?

— «Sim. Hoje o nosso Salão é como que o complemento da Igreja. É mais uma casa da Família Paroquial. Pois que melhor poderemos nós fazer do que, por exemplo, no Natal, depois de celebrar a parte litúrgica do Nascimento de Jesus, na Igreja, fazer a representação dum auto no salão, onde o povo assista ao vivo, a fim de melhor penetrar o mistério, ao que se teria passado quando o Senhor nasceu?»

Ao lado dessa função principal o salão pode acumular outras secundárias?

— «Sim. Por exemplo, pode também servir para a aquisição de fundos destinados a outras obras paroquiais. No meu caso, o Salão Paroquial tem sido um óptimo auxiliar pois muito me tem ajudado a manter a Sopa dos Pobres que é uma das principais secções do Centro de Assistência da minha freguesia.»

Não desconhecemos que este objectivo importante, embora secundário, pode ser bastante dificultado, especialmente em espectáculos cinematográficos, em que o aluguer de material e bons filmes leva quase toda a receita. Em presença disto inquirimos:

Como veria V. R.ª a fundação de uma «Central Católica» que, à imitação do que já se faz em Espanha e França, por exemplo, facilitasse o aluguer de bons filmes em 32^{mm} e até os passasse a 16^{mm}, cujo material de projecção é mais barato, secundando assim a acção dos Salões Paroquiais?

— «Oh quem nos dera que isso acontecesse. Quantas vezes esse assunto tem sido discutido entre os párocos, com a profunda mágoa de só por nós o não podermos resolver. Hoje, com tantas empresas ambulantes não há quase nenhuma aldeia onde não tenha ido o Cinema. O povo gosta de assistir registando-se sempre grande concorrência. Quase todas as freguesias têm salões paroquiais o que muito facilitaria a iniciativa, não havendo razões para supor que não vingasse. Porque não se mete mãos à obra? Todos os que temos responsabilidades pastorais e queremos desviar o rebanho das más pastagens temos obrigação de

lhes proporcionarmos boas, e esta era uma óptima maneira de o fazer».

E terminámos a nossa entrevista com mais uma pergunta acerca do cinema nos meios rurais.

Sabemos que V. R.ª costuma fazer uma apresentação prévia dos filmes com o fim de um melhor aproveitamento e compreensão dos mesmos. Com base nesta sua experiência, bem sucedida, segundo nos informam, poderá dizer-nos algo acerca de processos de instrução e cultura nos meios rurais através de bons filmes?

— «O cinema constitui elemento de excepcional importância na formação. Ninguém contesta que o bom filme vale mais que o sermão, pelo menos neste aspecto: atinge mais gente. Muitos dos que não vão à igreja frequentam o cinema».

Havíamos chegado ao fim. Desta conversa ficou-nos a consoladora certeza de que os Salões Paroquiais estão lançados no recto caminho, em Portugal. A sua maior expansão exige, porém, que revolucionemos diversos problemas o maior dos quais é sem dúvida o da «Central Católica» cuja falta deplorámos. Só então poderemos aspirar a um desenvolvimento semelhante ao que se verifica noutros países. Em Itália, por exemplo, existem já mais de 3.500, número este que por certo facilitará ao católico italiano a solução do problema de sãos espectáculos.

V. M.

A TELEVISÃO E A FAMÍLIA

Dentro em breve a televisão será uma realidade no meio de nós. Espectáculo familiar, a que poderemos assistir no conforto agradável das nossas casas é esperado com ansiedade. Então, algo de novo acontecerá na vida familiar, alargaremos os nossos horizontes, divertindo-nos mais fàcilmente. Teremos o cinema em nossa casa com a vantagem não só de nos dar notícias e reportagens mais recentes como ainda de nos dispensar todo o esforço incómodo exigido pela ida ao cinema.

Assim pensam muitos, cheios de justificado optimismo. É justo que nos alegremos com este novo meio que assim nos é posto à disposição. Meio novo que pode certamente conservar pelos anos fora algo da sua novidade, pois de sua natureza, vive do dia a dia, marca a vida com uma nota agradável e atraente. O Santo Padre foi o primeiro a regozijar-se no seu discurso de 1 de Janeiro de 1954. (1) Nele diz Sua Santidade: «Como não nos alegrarmos ao ver a Televisão contribuir eficazmente para reconstruir o equilíbrio da vida familiar, oferecendo a toda a família a possibilidade de assistir em conjunto a um honesto divertimento, longe de companhias perigosas e de lugares malsãos?...»

Não podemos de modo algum menosprezar este atractivo que chama todos os membros da família a uma vida em conjunto, a uma comunidade de interesses. Cada pessoa, em casa, assistindo a um programa de televisão, não se preocupa sòmente com as suas reacções, como ainda se interessa pelas dos outros membros da família. Não vive só para si, mas há um ambiente de leveza e à vontade que facilita a troca de impressões no decorrer do espectáculo e que torna agradável o convívio.

Uma das facetas mais importantes da televisão, é o facto de se valorizar convenientemente a pessoa humana. No cinema, cada um de nós sente-se um indivíduo, unidade no meio de um conjunto, que reage de tal maneira às cenas projectadas. Para nada é requerido o nosso modo de pensar, ninguém se interessa connosco e nós também não temos ocasião de pensar nos outros. Na completa obscuridade da sala há uma contemplação individual da obra que nos é apresentada. Falta a natu-

(1) Cf. *Acta Apost. Sedis* — série II núm. XXI Jan. 54.

realidade da vida, entramos num mundo novo em que é ou não agradável viver, mas sempre um mundo à parte.

Em casa, o problema é bem diferente. Não vivemos só para a acção, mas inúmeros centros de interesse espalhados à nossa volta nos dispersam agradàvelmente. Não estamos tão concentrados, e por isso é menor a consciência do corte brusco entre a vida e a cena que presenciamos. O programa de televisão, com o tempo, entra no mundo de cada um de nós, faz parte de nós mesmos, ainda mais intensamente que o programa radiofónico.

Não somos um indivíduo em sociedade, mas uma pessoa humana dentro do seu ambiente natural, vivendo um episódio da sua vida entre pessoas amigas. Tudo ajuda a concentrar o nosso dia na televisão, que tudo a ela seja subordinado.

Assim, vão-se perdendo as conversas familiares que certamente têm interesse muito menor que a variada e bela série de imagens que podemos contemplar. O trabalho caseiro, também pode diminuir a ponto de prejudicar a vida de família, pois para se poder seguir com atenção o programa, não se pode ter um trabalho entre mãos. E a pouco e pouco a televisão vai-nos dominando, destruindo afinal o bem que parecia vir a fazer, pois consegue centrar todos os membros da família, fora dos interesses domésticos.

É fácil de admitir que as crianças não podem ver tudo, sendo preciso exercer uma vigilância conveniente, sobretudo quanto aos temas pornográficos. Tal perigo, é porém, relativamente fácil de evitar. Alguém propôs no Canadá, que tais programas, fiquem para as últimas horas da noite, altura em que normalmente as crianças já estão deitadas. E para essa ocasião reservava também programas íntegros, mas gravemente susceptíveis de impressionar os mais novos. (1)

Isto leva-nos a supor que os riscos familiares da televisão se não confinam ao perigo de serem um excitante sensual. Diz o Papa que «a vigilância normal que deve ser exercida pela autoridade responsável dos espectáculos públicos, não é suficiente para as transmissões da televisão». (2) Se o único perigo fosse o da visão de imagens inconvenientes, facilmente uma censura rigorosa evitaria tal dificuldade.

---

(1) Vd — Émile Gervais in «*Relations*» Julho 1954 pág. 185.
(2) cf. *Acta Apost. Seclis* núm. cit.

Para nos colocarmos num ponto de vista que favoreça uma boa visão do problema, convém não nos esquecermos da forte influência psicológica exercida pela imagem visual movimentada em coordenação com o som. Dá-se algo de análogo no cinema. Se bem que normalmente um filme possa atingir uma superior perfeição técnica, devido às especiais condições da sua realização, por outro lado a acessibilidade dos espectáculos televistos, dá uma intensidade maior a estes espectáculos. Tal intensidade é função do grau de incorporação da cena televista na vida real. Além disso, a frequência da televisão é muito superior à do cinema, multiplicando-se incomparàvelmente os excitantes.

Este instrumento, «precioso e perigoso ao mesmo tempo, em virtude dos profundos reflexos que está destinado a produzir na vida pública e privada das nações». (1) precisa de ser compreendido por todos aqueles que têm encargos de família. É preciso compreendê-lo, porque só assim se poderá conseguir o tão desejado equilíbrio e progresso familiar.

Não é ocasião de ridìculamente temermos a tal ponto os possíveis malefícios, que nos encerremos dentro do nosso mundo estreito, recusando-nos a acompanhar o movimento técnico que pode condicionar um progresso humano real. Seria também inoportuna uma atitude esfusiante de optimismo que relegasse para segundo plano «a nova série de problemas delicados e urgentes, de presença vigilante e activa, e de organização», (2) que importa ter muito em conta na medida em que depende de cada um de nós.

«Especialmente neste campo, a união dos católicos constitui a sua força». (3) É preciso assim que a vossa actividade se exerça no meio familiar, mas que por ele não seja limitada.

No meio familiar, torna-se necessária uma ascese de toda a família que só terá a ganhar com um moderado uso da televisão. Não é preciso que um espectáculo seja mau, para que possa prejudicar a família. Basta a repetição de certos temas que nos levem a generalizar uma visão unilateral e deficiente da vida para que tenhamos a perder com o abuso da televisão. Mesmo que sempre os programas fossem completos, que só contribuissem para a nossa perfeição humana total devido à intensidade

---

(1) ibidem.
(2) idem.
(3) idem.

excitante da televisão que nos absorve em alto grau, havia reservas muito sérias a fazer a um uso exagerado.

Será mesmo impossível conseguir que os mais novos se dominem completamente, no caso de não haver um ambiente familiar que exija tal sacrifício. Mesmo que fossem coagidos a absterem-se, a própria superficialidade do ambiente familiar, bastaria para que a sua educação fosse muito prejudicada.

O jovem, além da sua inexperiência, conta com uma imaginação fulgurante que lhe faz prolongar o tema em diversos sentidos, que o leva a continuar a obra começada pela televisão, dando um carácter de realidade a puras fantasias, ou avolumando cenas que o impressionaram. Em casa, os membros da família, de idades diferentes, são sensíveis a diversos valores. Não pode pois a experiêcia da reacção pessoal, ser único critério a que se atenda.

O papel do educador, não pode ser negativo, sob pena de ineficácia quase total. Exige-se certamente um conjunto de proibições, mas pede-se antes de mais uma crítica justa e séria, embora natural e despretenciosa aos programas vistos em conjunto. Os mais novos não têm o espírito crítico formado, e importa que saibam não ser meramente passivos ante a televisão.

Todos precisamos de formar o nosso espírito crítico. Ante a cada vez maior quantidade de mensagens que nos são apresentadas, visões tantas vezes falsas ou unilaterais, é preciso que saibamos distinguir entre o bom e o mau. Pio XII relembra a faceta bem positiva do espírito católico: «os vossos trabalhos estariam ainda bem longe de satisfazer os nossos desejos e esperanças, se se limitassem simplesmente a uma defesa do mal, e se não resolvessem ao contrário, numa vigorosa afirmação do bem». (1)

Esta afirmação do bem, terá certamente de começar pela afirmação da bondade de tudo aquilo que é verdadeiramente bom. As obras de Deus, nunca se construíram sobre a mentira. A educação de um homem e a integridade da família são coisas sérias demais para serem iludidas com propositadas desvalorizações daquilo que é bom.

É necessário um trabalho de colaboração, com a Emissora Católica. Só no caso de nos compreendermos e ajudarmos, poderá nascer uma obra

---

(1) ibidem.

que se imponha pelo seu valor total. É sabido como uma das pedras da televisão nos Estados Unidos,é a publicidade. Tal sistema, é por vezes necessário a estações fracas, sem recursos capazes de sustentar as fabulosas despesas necessárias com a televisão. Os comerciantes católicos, fariam uma alta obra de caridade, e cumpririam um dever, esforçando-se por anunciar os seus produtos através das emissoras católicas, ou pelo menos, procurando que a sua publicidade seja digna, elevada tanto moral como artìsticamente, que as prestigie e contribua para a elevação do meio social e familiar.

É preciso que saibamos dar as nossas iniciativas, que aprendamos a facilitar a missão daqueles que tantas vezes fazem o medíocre porque nós não permitimos que realizem o que é bom. Também neste campo se sente a necessidade de um revigoramento do espírito católico, de uma tomada de consciência das nossas responsabilidades.

«Que o Laicado a quem a Igreja chama, sobretudo na Acção Católica, a colaborar com a Hierarquia, compreenda a necessidade de empreender, oportunas iniciativas tendo em vista fazer sentir a sua presença neste campo, antes que seja excessivamente tarde». (1)

FERNANDO MICAEL

---

(1) ibidem.



PASTORAL LITÚRGICA

Dados dum problema

A sociedade não é um ser morto. Diàriamente no seu seio se geram novas propensões e surgem outras tantas necessidades.

Se há espírito de reacção quando ha decadência, temos de dizer ser esse o estado social permanente, diante da insuficiência e vacuidade do momento presente.

De propresso em progresso a humanidade procura algo de definitivo. E como não ser assim se esta é um reflexo da própria insatisfação da criatura humana !

Antes de afirmarmos que o homem é fruto da civilização em que vive, digamos também que esta é o que o homem for na sua vida superior de pensamento e acção.

É precisamente a esta humanidade inconformista que a Igreja se dirige com a missão divina, de a impregnar da vida de Deus. Cristo não fundou a Igreja para um tipo ideal do homem ou sociedade. Em cada momento da sua existência, por conseguinte, ela encontra um indivíduo concreto, no realismo dos seus defeitos ou virtudes e com uma mentalidade própria. Nela não há qualquer exclusivismo de raças, civilizações ou personalidades; é católica em toda a amplitude.

Por seu lado o homem é também com uma Igreja concreta e temporal que toma contacto, na procura de Deus. Detentora única e indefectível da salvação, entrega esse tesoiro com gestos humanos, e estes, como tais, estão sugeitos às leis do mutável.

Ao longo da história cada época forjou os seus, ao sabor das necessidades e preocupações do momento.

Assim expressos «em fórmulas e cerimónias lutúrgicas os sentimentos do homem, conservam e revelam as características do ambiente em que desabrocharam».

— dado porém que existe hoje um inegável divórcio entre o homem e liturgia, a Igreja é acusada de desactualização não acompanhando com inovações condignas o sentir e o pensar do homem.

— clama-se pois por uma renovação litúrgica capaz de falar ao sentimento religioso da chamada civilização técnica...

Dificuldades :

Na preocupação crescente duma vida cristã autêntica, através duma participação activa na celebração litúrgica *La Maison Dieu* (fasc. 40, 1.º trimestre 1955) traz novamente colaboração oportuna ao Movimento Litúrgico.

Dos seus artigos, *Mentalité téchnique et ouventure a la liturgie* foi o que mais de perto nos interessou e aqui deixamos agumas notas da sua leitura.

Fala-se hoje muito duma civilização técnica. Na verdade a «técnização da existência» que não devemos confundir com a simples industrialização ou era das máquinas, está marcando um dos períodos mais significativos das história do mundo.

Não lhe falta uma psicologia peculiar, ao lado duma mentalidade de aspectos multiformes e complexos.

Tudo isto levanta sérias dificuldades à vida da fé e particularmente a uma vida litúrgica.

Vejamos alguns pontos à maneira de objecções :

— O materialismo da vida é o primeiro factor a provocar uma insensibilidade

ao espiritual.

— Progredir é o fundamental valor da existência; invenções e vitórias técnicas não suportam a liturgia, museu de velharias, com seus gestos, decorações e ritos.

«Actualmente a luz e o fogo é a luz eléctrica ou a energia atómica. A cera já não tem lugar na nossa civilização». É a psicose do progresso...

— O humanismo novo que se procura é um humanismo de trabalho...

Os valores da inteligência não podem ser no mundo técnico um fim em si.

Para que servirá uma acção litúrgica, geralmente tão desinteressada ?

Só conta o primado de acção...

— A liturgia utiliza o máximo a natureza concreta: o espaço, o tempo e seus ritmos naturais, a criação com seus elementos mais simples...

Hoje a vida não suporta isso. Come-se, trabalha-se e anda-se à ordem da máquina. Os elementos materiais valem na equação do utilitarismo e nada mais dizem.

Apontamentos de solução

Estas exigências do espírito moderno, se constituem dificuldade, poderão também ser caminho para uma autêntica espiritualidade litúrgica ?

A propensão ao materialismo, reacção porventura justificada contra falso espiritualismo cristão, favorece uma catequese, atenta sobre o valor e riqueza simbólica do mundo material.

O espírito pragmatista também se poderá canalizar para a vida litúrgica. Lutando por uma participação activa, rejeita com a Igreja a «liturgia espectáculo» e formalista.

A solidariedade humana e sentido do universal é hoje uma realidade graças ao concurso da técnica...

Pois nada mais contrário ao individualismo que a acção litúrgica. É um acto da assembleia e os mistérios celebrados situam-se dentro duma perspectiva de universalismo; é esse o plano da Redenção.

A própria expectativa da humanidade neste caminhar para uma realidade mais perfeita, com horror ao retrocesso encontra eco na liturgia.

Os mistérios divinos sendo memória do passado, são essencialmente caminho de progresso na orientação escatológica da Redenção.

Trabalho pastoral

Pio XII na rádio-mensagem do Natal de 1953 dizia: «o progresso técnico... pode, pois, e deve conduzir a Deus... Longe de rejeitar as maravilhas da técnica o crente será mais fàcilmente tentado a dobrar os joelhos».

Não é uma mudança radical das cerimónias, como preconizam alguns, que soluciona o problema. Não se pode descurar uma certa adaptação dos ritos à mentalidade actual. E felizmente que muito se trabalha, neste sentido. Mas adaptar a liturgia a uma sociedade sem fé, seria destruí-la. O fundo do problema é pois outro. Para introduzir o homem nos mistérios cristãos é preciso primeiro evangelizá-lo. A liturgia supõe a fé. Viver e compreender as cerimónias do culto divino, não é conhecer o sentido dos gestos, dos objectos, ou dos próprios textos. Sem a vida da fé, o homem sentir-se-á mal diante de ritos, que lhe lembram velharias ou qualquer coisa de esotérico.

Por consequência a necessidade duma evangelização em todo o rigor e vigor sobrenatural impõe-se. É uma das primeiras responsabilidades do padre, sobretudo através duma prégação sentida, que descubra e faça desejar as verdades sobrenaturais. (A este tema consagrou *La Maison Dieu* o n.º 39 — vd: *Novellae Olivarum* Dez. 1954, pág. 311)

Resumindo será indispensável :

1) Uma iniciação séria na fé. Só então se terá o sentido do mistério, e os ritos falarão de realidades invisíveis.
2) Não se trata pois de adaptar a liturgia à mentalidade moderna, mas catequizar esta em ordem a que os assistentes possam captar todas as riquezas que lhes quer transmitir.
3) Afirmar o valor comunitário da celebração é afastar dela todo o formalismo.

No plano espectacular a liturgia

não pode competir com a vida moderna com seus cinemas e publicidades...» Nada de teatralidades...

Parece pois não autorizarem o pessimismo as perspectivas litúrgicas dos nossos dias, pelo menos quanto aos princípios.

Na prática julgo dependerem duma acção pastoral eficiente, respeitadora sim das aspirações do homem, mas mais ainda das riquezas eternas da tradição da Igreja.

J. CANILHO

«LITERATURA INFANTIL ...» NO CANADÁ (1)

Falar da criança, e da Literatura que lhe é apresentada actualmente, é abordar um dos mais cruciantes problemas dos nossos dias. «A vida é a realização dum pensamento da mocidade». Consoante a formação do pensamento da mocidade de hoje, asim será a vida do mundo de amanhã. E se hoje todos empregamos esforços para a edificação dum mundo melhor, não faz sentido que se menospreze, consciente ou inconscientemente, a formação dos elementos desse mundo futuro.

A compleição psicológica da criança, acompanhando a estrutura orgânica, é a dum ser que desperta para a vida. Tem, portanto, latentes, todas as suas faculdades. Daqui a sua susceptibilidade, diante de tudo o que lhe traz qualquer coisa de novo para o seu espírito. Inevitàvelmente a criança reage perante a imagem, no cinema, ou perante a leitura, na revista ou ilustração. A criança é, por conseguinte, o que vê, o que ouve, ou o que lê. Adivinha-se já o perigo moral em que a criança incorre, diante de ilustrações ou revistas perversas.

Perante a difusão alarmante e a venda de revistas infantis obscenas ou deformativas, o problema moral torna-se crítico. Há milhares e milhares de livros e revistas de toda a espécie, que levam a criança a fazer do mundo, uma ideia totalmente errónea. Infelizmente os católicos muitas vezes são os últimos a aperceber-se do perigo, porque os filhos das trevas são mais hábeis que os filhos da Luz.

A multidão de hoje, como autrora os romanos, pede «pão e jogos de circo», reclama as comédias picantes, brutais, obcenas. E é servida copiosamente.

Para jovens são raras as revistas verdadeiramente interessantes, capazes de exercer acção positiva no espírito juvenil. Mas contam-se aos milhares as que descrevem a violência, a sensualidade, o banditismo. E é doloroso observar que, nações orgulhosamente apelidades de civilizadas façam da brutalidade a filosofia do super-homem concretizada na violência — observa o Presidente do Serviço de Imprensa e Cinema da diocese de Otawa.

Mas é um facto que a par da violência tais revistas apresentam, regularmente, ao lado da nudez, cenas de morte ou banditismo, aliando a sede do sangue à voluptuosidade. Não foi por acaso, como se vê, que as guerras aumentaram a imoralidade.

O sistema de distribuição e venda destas ilustrações no Canadá é como em toda aparte: existem agências que espalham a baixa literatura, em condições comerciais vantajosas. O explorador dum estabelecimento não tem que preocupar-se com a escolha ou instalação da mercadoria literária. Isto é trabalho do agente que se arrisca ou a tudo ganhar, ou a tudo perder. Para solucionar problema tão angustiante, seria necessário contrabalançar o sistema de destribuição por um sistema semelhante, mas oposto, criando também agências que, por sua vez, trouxessem a público a boa literatura. Livreiros conscienciosos faziam-no, se soubessem onde adquirir a literatura Salvadora, pois correm sério risco financeiro ao comprá-la directamente aos editores. A solução,

(1) *Relations* revista publicada por um grupo de padres da Companhia de Jesus; 8, 100 Boul Saint. Laurent, Montréal, 11 — Canadá.

porém, torna-se difícil em virtude do poderio económico das agências mais modestas. É inconcebível que os vendedores sejam forçados a aceitar a literatura pornográfica, sob pena de se verem financeiramente arruinados.

Falhando a impotência da iniciativa particular, deve intervir a autoridade civil. Dada a efervescência abundante de toda a sorte de revistas, onde se descreve o crime, onde pululam trocadilhos ambíguos e aparecem as mais arrepiantes ilustrações, não é preciso fazer raciocínios para se ver que está em causa o bem comum, tornando-se necessário recorrer a meios mais eficazes. A legislação canadiana tem sido severa nesta matéria; mas são os próprios canadianos a reconhecer que não tem sido eficiente, na solução de tão intrincado problema.

O Ministério da Economia, tem entre outras funções a de inspeccionar os livros que entram no Canadá. No entanto isso não se pode considerar uma censura pròpriamente dita. É dever do mesmo Ministério, deter na fronteira tudo o que seja prejudicial ao Can seja em matéria política, seja em matéria de costumes. Logo também as revistas «criminais» e obscenas. O referido Ministério elabora ainda, regularmente, uma lista «negra» das revistas consideradas imorais, que é enviada aos encarregados alfandegários. Estes têm assim uma missão de responsabilidade, no exame de milhares e milhares de revistas. Contudo, muitas revistas imorais escapam à sua atenção e aparecem em público. Infelizmente, nem a polícia provincial, nem a municipal estão ao corrente das decisões dos censores ministeriais. Não basta, portanto, a censura ministerial. Muitas das revistas, clandestinamente em circulação, são reimpressas por sistema estereotipado de difícil leitura para os censores alfandegários, pelo facto de a acção do ministério se exercer sòmente na fronteira e não também no centro do país.

Recorre-se, por Isso, à lei. Perante o perigo moral de perversão que corre toda a juventude do Canadá, o governo não permanece inactivo. Dá-se ao estudo atento do problema. O artigo 115 do Código Criminal foi refundido pelo deputado católico Fulton, tornando-se a sua aplicação mais extensa. Apesar das suas declarações tão fortes e definitivas, ele deixa margem a diferentes interpretações por não dar de «obscenidade» uma definição cujos elementos sejam totalmente abrangidos pela lei. Além disto foi criada uma Comissão Senatorial para estudar a venda e a circulação de revistas obscenas. Elaborou-se farta documentação fornecida por gente séria de todas as confissões para quem o pudor é ainda um património a conservar. A consciência moral das províncias surgiu. A de Quebéc, confiou à Comissão de Censura Provincial de Cinema — com sede em Montréal — a proibição de revistas imorais. Como resultado foram interditas cinquenta ilustrações. Por fim todo o cidadão tem o direito de denunciar as ilustrações ou livros contraditórios com o artigo do Código Criminal.

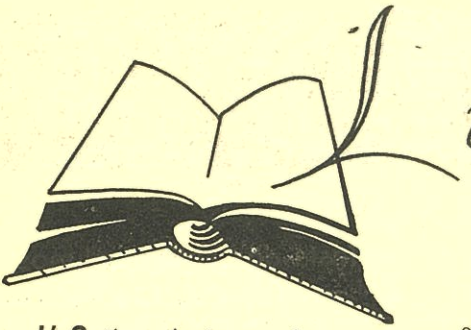
Como se vê, o problema é de grande responsabilidade e exige o conhecimento exacto de todos os seus dados. A preocupação para o solucionar é grande, contudo ainda se não achou solução cabal.

Resta a acção individual consciente de cada indivíduo. É pelo povo que a lei se torna activa. Em problemas cuja solução diz respeito ao bem comum não pode haver indiferença — no Canadá, como em toda a parte. E como em democracia é a opinião pública que governa, agitar a consciência moral pública, dando-lhe o sentido do pudor, da honestidade e dignidade do homem, tão violentadas já pelo cinema desvirtualizado, pelo televisão mal aplicada, pela leitura de revistas deformadoras ou abertamente más, será um dos meios principais da luta contra a obcenidade. O indivíduo não é um «sujeito», mas um «participante» da causa comum. E se é católico tem obrigação de ter a sua conciência mais sensível perante o afundamento da moral. Não basta contrabalançar o mal causado por estas revistas, nem a interdição, por vezes mais teórica que prática, de certos filmes. Isto redundará em formação negativa do espírito da criança, quando é certo que

ele necessita duma formação bem positiva, para que não fique vazio. A literatura infantil sã, pode ser um dos meios desta formação positiva, apresentando à criança, não a parte mesquinha, mas a parte nobre da grandeza do homem e do mundo. Ela pode tornar-se escola de virtudes morais — religiosas e patrióticas — falando, não só á inteligência e razão da criança, através dos manuais escolares, mas ainda à sua imaginação e sensibilidade, pelo livro ou revista que humanize, dê vida e colorido aos personagens da história pátria, suas lendas, geografia, costumes, fauna ou flora. Assim se pode criar um clima social sádio, onde não murche a flor do espírito juvenil.

Os heróis e Santos da Pátria podem descer dos pedetais; podem abrir-se os monumentos e museus — assim as crianças, privadas do teatro e cinema, podem aplicar a sua inteligência e sensibilidade. Valorizar-se-à a criança, valorizar-se-à o homem, e o mundo de amanhão será «melhor».

H. V. FRANCO



Livros novos

L' Action, instrument d' Évangélisation (1)

O Espírito Santo, no desempenho da sua missão de Assistente e Animador da Igreja, despertou nela, como barreira firme a opor aos assaltos repetidos dos inimigos, e sobretudo como instrumento novo e vigoroso de penetração e conquista, o movimento do laicado católico.

Surgiu assim este exército organizado e aguerrido, ao serviço da Hierarquia e na inteira dependência do seu pensar e directivas, para o trabalho da recristianização do mundo moderno.

No panorama da sociedade hodierna, o que constitui para nós, cristãos, motivo de maior inquietação não é só o cortejo doloroso das suas divisões, dos seus dramas, das suas interrogações angustiosas. É sobretudo a ausência duma luz superior naqueles que estão incumbidos de apreciar esses problemas, de os estudar, de lhes encontrar um solução, que nos atormenta e angustia. Este o maior motivo de escândalo para os Apóstolos de hoje.

A verificação da apostasia das massas desperta nas suas almas tal fervor e entusiasmo que muitos não hesitam consagrar inteiramente as suas vidas à tarefa de reconduzir a Cristo e à Igreja essas multidões que sofrem e se perdem nas trevas do erro.

É portanto dupla a tarefa do laicado católico, ou melhor, são dois os aspectos do objectivo da sua acção: colaborar com a Hierarquia na expansão da fé, por um lado. Por outro, fazer penetrar o espírito cristão nas instituições, em ordem à solução cristã de todos os problemas humanos. Apostolado e presença cristã ao mundo, a caminho do reinado universal de Cristo...

Esta perspectiva em que se coloca o autor de *Action, instrument d'Évangélisation* ao analisar os múltiplos aspectos da acção do leigo, em particular a desenvolvida no seio do mundo operário.

Essa acção é antes de mais encarada como elemento de formação integral do leigo. É ao contacto com as realidades, é no embate com o mundo e os seus problemas, que o leigo adquire, com o auxílio da graça, uma vida espíritual esclarecida e operante, banhada num grande anseio de unidade a par dum sentido cada vez mais enraizado de caridade universal.

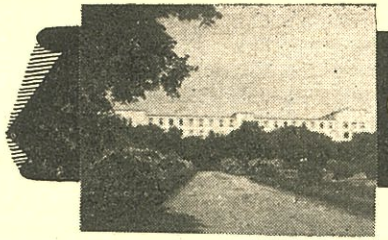
O Padre Bécaud colocou à disposição dos assistentes de obras católicas e dos militantes leigos um livro precioso que é, sobretudo, uma longa série de reflexões, com isto de original: não caindo em formulações abstractas de princípios teóricos o autor situa-se na problemática concreta do mundo em que vivemos e em que somos chamados a trabalhar. O resultado foi um estudo consciente e apronfundado à base de situações reais.

Aconselhamos vivamente este livro. A sua leitura contribuirá para dar corpo e consistência a ideais apostólicos porventura ainda muito «desencarnados».

A. Tavares

---

(1) Les Éditions Ouvrières, Paris, 1955.



CRÓNICA

A festa dos Seminários

No dia 2 de Fevereiro os Seminários do Patriarcado pjrestaram a sua homenagem ao Senhor Cardeal Patriarca. Foi a nossa festa de família. Logo pela manhã, no Pontifical celebrado na Sé, por Sua Eminência, as vozes frescas o leves dos pequenitos de Santarém se uniram aos sons graves dos cantores de Almada e Olivais numa esplendorosa cerimónia do mais profundo sentido litúrgico.

Nos cadeirais, além dos Ex.mos e Rev.mos Bispos Auxiliares e cabido da Sé Patriarcal encontravam-se todos os actuais superiores dos 3 Seminários.

Depois do almoço servido no nosso refeitório a todos os nossos irmãos, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira. O nosso muito querido Mons. Reitor do Seminário tomou a palavra em nome dos Superiores.

Cada Seminário disse da sua gratidão ao nosso Pastor pela voz de um dos seus alunos.

Primeiro Santarém, na palavra simples mas sincera de um terceiranista.

A voz sonhadora e poética de um jovem marcou presença por Almada. O finalista, que falou em nome dos Olivais, concretizou o entusiasmo do primeiro e o sonho do segundo na promessa de um sacerdócio plenamente vivido.

Ofertou-se seguidamente ao Senhor Patriarca um pergaminho onde iam bordadas a oiro as certezas das nossas orações e um lindo breviário onde ia o pedido das Suas orações de Pai.

Sua Eminência agradaceu comovido e, a termnar a sessão, apelou para a dádiva total das nossas juventudes ardentes e esperançosas.

A festa dos antigos alunos

«Não desmereceu das outras manifestações de carinho e apreço a Sua Eminncia a homenagem ontem vibrantemente prestada, no Seminário dos Olivais, pelos ex-alunos, ao Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira» (Novid. 7-3-55).

Em boa verdade, esta homenagem teve um significado novo quer para aqueles que o Senhor chamou para outros caminhos, quer para nós a quem destinou o Seu sacerdócio, quer para a Igreja de Lisboa que precisa de todos.

A maior parte daqueles que por aqui passaram e a quem o Mestre mostrou novos rumos, voltaram de novo à casa que já fora sua, que os recebeu paternal e acolhedora.

O Senhor Vice-Reitor celebrou missa solene. Via-se em lugar de relevo, na capela-mor o sr. D. António de Campos. O grupo coral Stella Vitae *teve a seu cargo o canto, debaixo da regência de Jorge Manzoni. Ao Evangelho, o celebrante tomando como tema o texto do sagrado Evangelho, proferiu uma sentida alocução.*

*
* *

Ao almoço o refeitório apresentava um aspecto encantador. Aqui e ali na mesa dos seminaristas via-se um ou outro antigo colega de curso. Na mesa da presidencia estava o Senhor Cónego Vice-Reitor ladeado pelo mais antigo e pelo mais recente aluno saídos deste Seminário.

O seminarista Manuel Carvalhinho foi encarregado de apresentar as nossas boas vindas. Pelos ex-seminaristas fa-

laram os Srs. Artur Neves e Joaquim José Vitorino.

Pelas 4 horas realizou-se uma sessão solene no Ginásio, a que veio presidir Sua Eminência. Agradeceu comovido aquela significativa festa e a artística imagem que lhe foi ofertada, afirmando: «A vossa reunião nos Olivais dirá a toda a Igreja de Portugal que esta, tão necessitada de padres, não quer nenhum que não dê o passo decisivo sem a plena consciência duma juventude livre que se oferece e que se imola».

Usou da palavra o antigo aluno Artur Neves. O grupo do Seminário apresentou 2 números musicais e o coro Stella Vitae composições de Palestrina, Schubert, Rameau e Rossini, terminando com o aplaudido Qui, quae, quod.

Disseram versos da sua autoria, Gomes Afonso e Acácio Costa.

O Senhor Vice-Reitor encerrou a sessão manifestando mais uma vez o seu contentamento e fazendo votos para que os laços de união entre os antigos alunos e o Seminário se apertem cada dia mais.

Reforçamos os votos de Sua Excelência.

Festa de Santo Tomás

Realizou-se no passado dia 7 a tradicional festa de Santo Tomás, presidida pelo Sr. Arcebispo de Cízico e com a assistência do Sr. Dr. António de Campos.

Estavam presentes alguns dos nossos párocos e demais clero.

Entre 2 números de polifonia ouvimos o trabalho do aluno António Carrilho Ribeiro do 3.º ano de Filosofia intitulado «Aspectos do Platonismo». A segurança filosófica e beleza literária tornaram-no atraente e proveitoso.

O professor de Teologia Dogmática — Padre José da Felicidade Alves — esclareceu brilhantemente a pergunta que a cada um de nós lançara, no início do seu trabalho «Poderá o simples presbítero conferir o diaconado e presbiterado?»

Com a segurança e firmeza implacáveis a que estamos afeitos, examinou documentos, desfez objecções, levantou problemas para, no final, em síntese clara e precisa, reduzir os dados da questão a meia dúzia de pontos essenciais a cuja luz construiu a sua opinião.

O Sr. D. Manuel Ferreira da Silva teve palavras de apreço para os trabalhos apresentados e felicitou o Sr. P.e Felicidade pela seriedade e profundeza da sua brilhante conferência.

Homenagem ao Santo Padre

Por iniciativa do Senhor Núncio Apostólico foi lançado, no início do ano, um concurso de ensaios sobre o Papado cujo respectivo prémio foi gentilmente ofertado por Sua Excelência.

O Júri, de que faziam parte o Senhor Vice-Reitor, Mons. Miguel de Oliveira e o Rev.º Padre Manuel Falcão — professor de História da Igreja — premiou entre vários concorrentes o aluno do 3.º ano de Teologia, Guilherme Augusto Braga e Gomes, no trabalho «Intrepidez dos Papas perante as heresias e cismas, na Idade Aantiga».

Como naturalmente estava indicado, o prémio foi entregue na sessão solene em honra do Santo Padre Pio XII, pelas mãos de Sua Eminência que se dignou presidir a esta homenagem filial para com o Vigário de Cristo.

Estava presente D. Fernando Cento que felicitou o aluno premiado. Viam-se ainda nas primeiras filas além dos Senhores Arcebispos de Cízico e Bispo de Priene os Srs. Generais Leonel Vieira, Governador Militar de Lisboa; e João dos Santos Calado; Conselheiros Miguel Homem Sampaio de Melo, Tavares da Costa e Álvaro Pontes; Professores André Navarro, director do Instituto Superior de Agronomia, Toscano Rico. director da Faculdade de Medicina de Lisboa, e presidente da L.U.C.; Mons Righi e Gentile, respectivamente conselheiro e auditor da Nunciatura; Professor Santiago, e Kastner metedólogo do Conservatório Nacional de Música e Dr. Muller, professor do mesmo Conservatório, etc..

Entre os números do programa, ouvimos 2 peças musicais pelo nosso coro plifónico sob a regência do Sr. P.e José Viçoso Freire.

«Filosofia Cristã e Filosofias Contemporâneas» foi o título do trabalho do Senhor P.e José Honorato Rosa, professor de Filosofia, que o Senhor Cardeal Patriarca apreciou em meia dúzia de traços lapidares: «Conferência profunda, actualíssima pela modernidade, viva na exposição, brilhante pela ordenação e pela beleza literária, honra o Seminário a que o seu autor pertence».

Como chave de ouro do programa, o Prof. Santiago Kastner deliciou-nos com um concerto de cravo em que ouvimos peças de Frescovaldi, António Carreira — antigo organista da Sé de Lisboa —, P.e Manuel Rodrigues Coelho, compositor de seiscentos, Carlos Seixas, Scarlatti e Conperin.

O Senhor Patriarca encerrou a sessão com a elegância fidalga do seu talento sempre jovem. Agradeceu, cativado, a presença do Sr. Núncio Apostólico em cuja pessoa depunha toda a sua fidelidade ao Santo Padre.

Teve palavras do mais rasgado elogio para com o Sr. P.e Honorato aproveitando ainda a ocasião para pùblicamente felicitar o Sr. P.e Felicidade, pelo seu trabalho de 8 dias atrás. Guardou para o fim palavras de mais profundo apreço para o Pro. Kastner que nos permitiu gozar o prazer espiritual de alguns momentos da mais pura arte e, como remate deste grande dia, terminou pedindo que unissemos as nossas vozes à Sua no mesmo hino em favor do Augusto Pontífice.

«Dominus conservet eum et vivificet eum».

Actividades Académicas

Sem a regularidade costumada, devido dos feriados e festas da época, a Academia tem todavia realizado, sempre que possível, as suas sessões ordinárias:

Na Secção Teológica ouvimos trabalhos de:

António Barbosa — Influências do Induismo no Ocidente;

Alberto Neto S. Dias — Valor da contemplação no nosso mundo;

António Alves Guerra — Colonização.

Todos os trabalhos levantaram calorosa discussão que permitiram aclarar ideias e precisar conceitos.

Em filosofia, os trabalhos apresentados, ao contrário do costume, suscitaram interessantes trocas de impressões que denotaram um despertar muito consolador para os problemas sérios.

«A passividade do cinema» — foi tratado por Fernando Micael; Manuel Cerejo falou-nos de «Racismo», e na morte do grande Paul Claudel, João Canais evocou a memória do admirável poeta francês.

A última sessão apresentou notável cunho artístico e o trabalho do Secretário José Francisco Graça Costa «Deus na poesia» agradou pela sinceridade e entusiasmo.

Desportos

Era uma tristeza olhar para o nosso campo de futebol. A relva começava por se sentir lá a rainha. As balizas, junto do velho eucalipto pediam-lhe queixosas a trave superior que de há muito se partira. As chuvadas diárias abriram-lhe regos no centro. O futebol pràticamente parara.

Felizmente tudo mudou. De um dia para o outro a relva foi raspada, as balizas arranjadas e reforçadas, o terreno alisado.

Pena é que o campeonato não tenha recomeçado ainda. Fazemos votos para que não tarde.

O nosso bravo à Associação de Santo Condestável; o nosso bem-haja ao Sr. Padre Mourão.

Escutismo

Mais uma velada de armas. Foi na terça-feira à noite. Mais 2 promessas radiosas na missa do dia seguinte.

Na velada falou o Padre Lereno Dias presidente cessante do Clan e actual coadjutor de S. Domingos. A sua palavra foi um grito ardoroso de entusiasmo ao ideal de servir.

A missa foi celebrada pelo Sr. Padre Honorato Rosa que, ao Evangelho, disse algumas palavras, depois de ter recebido a promessa dos 2 novos escuteiros José Eduardo Ferreira Martins e António Antunes Ribeiro.

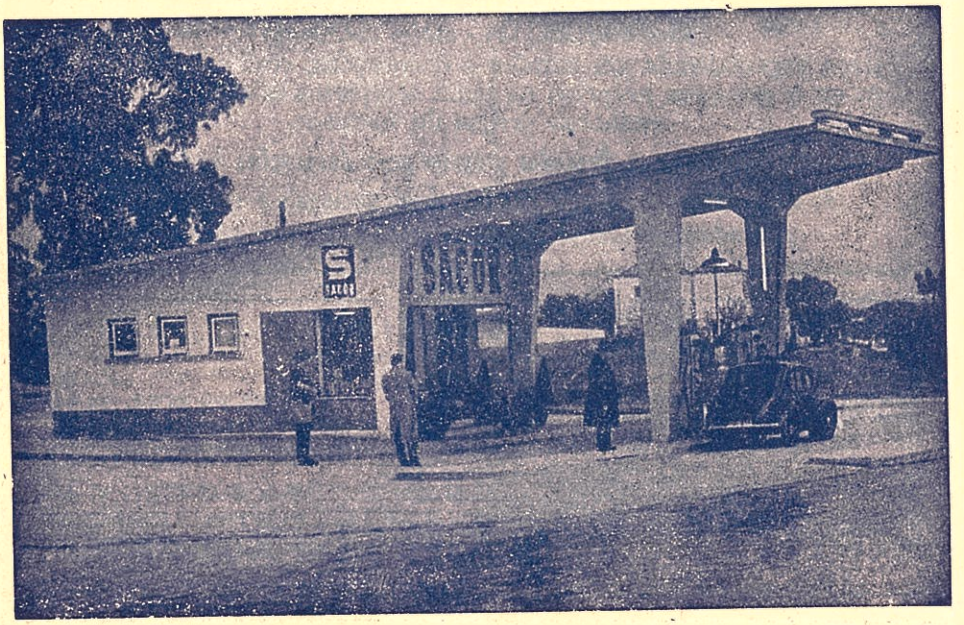
Parabéns irmãos. Que o Senhor vos leve sempre pelo caminho largo e belo do ideal que abraçastes.

ALBERTO NETO

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

Viuva Macieira & Filhos

CASA FUNDADA EM 1804

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho

Armazém de papeis nacionais e estrangeiros e papelão — Papelaria

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefone: P. P. C. A. 31721/2 **Rua da Madalena, 10 a 22 = LISBOA**

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 — Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais — Lâmpadas Suspensões

Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS AQUECIMENTO ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO CENTRAL CONTRA INCÊNDIOS

PÁRA-RAIOS ASCENSORES TELEFONES

VENTILAÇÃO

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO



C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícos de cor

DESCONTOS E PRAZOS

Covilhã

Sociedade Editora

ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais Livros e Revistas

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - BEJA - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)



SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 **LISBOA**

Lanifícios pretos, meias de algodão lã e Nylon

Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de Preço

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI · OLIVAIS